

**DEUS É AMOR**

**VOL. X**

## **Coleção - Misericórdia**

- Volume I – Misericórdia em palavras
- Volume II – Indulgência, história e significado
- Volume III – Como é grande, ó Pai, a vossa misericórdia
- Volume IV – O desafio da misericórdia
- Volume V – Como o Pai, misericordiosos
- Volume VI – A Caridade em obras
- Volume VII – O rosto da misericórdia
- Volume VIII – Redescobrir a misericórdia
- Volume IX – A casa da misericórdia
- Volume X – Deus é amor

# DEUS É AMOR

Dom Murilo S.R. Krieger, SCJ

## VOL. X



**Deus é amor**  
**Dom Murilo S.R. Krieger, SCJ**  
1ª Edição - 2016

**Diretor Geral:**

Mons. Jamil Alves de Souza

**Organizadores:**

D. Leonardo Ulrich Steiner

Mons. Antônio Luiz Catelan Ferreira

**Revisão:**

Leticia Figueiredo

Maria de Lourdes K. Locks

**Capa:**

Sávio Gerardo

**Projeto Gráfico:**

João Carlos Prado

**Diagramação:**

Camila de Almeida Martins

K89d Dom Murilo S.R. Krieger, SCJ / Deus é amor. Brasília, Edições CNBB. 2016.

40p.: 14 x 21 cm

ISBN: 978-85-7972-509-8

1. Conhecer Jesus Cristo – Amor;
2. Deus – Amor supera limites;
3. Maria Santíssima – Amor – Deus;
4. Eucaristia – Igreja – Amor – Jesus Cristo.

CDU: 248-145.13

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão da CNBB. Todos os direitos reservados ©

Edições CNBB

SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014

Fone: (61) 2193-3019 - Fax: (61) 2193-3001

E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br

www.edicoescnbb.com.br

# SUMÁRIO

1. QUEM É VOCÊ? .....	11
Quem sou eu? .....	11
Quem sou eu para os outros? .....	13
Quem sou eu para Deus? .....	14
2. JESUS CRISTO, O DOM DE DEUS .....	17
Anunciar Jesus Cristo.....	17
Conhecer Jesus Cristo .....	18
Aceitar Jesus Cristo.....	21
3. DEUS É AMOR .....	27
O amor no Antigo Testamento.....	28
O amor no Novo Testamento.....	30
O amor em São João.....	31
O amor supera limites.....	32
A graça e a responsabilidade de saber-se amado.....	33
4. OS PRESENTES DE DEUS-AMOR.....	33
Porque é amor, Deus nos dá sua Palavra.....	33
Porque é amor, Deus nos dá a Igreja .....	34
Porque é amor, Deus nos dá a Eucaristia.....	35
Porque é amor, Deus nos dá Maria Santíssima .....	36

Porque é amor, Deus nos dá Pedro e seus sucessores .....37  
Porque é amor, Deus continua derramando seus dons .....38

5. LOUVAR O AMOR.....40

## LISTA DE SIGLAS

- CIgC Catecismo da Igreja Católica
- GS *Gaudium et Spes*, Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, Concílio Vaticano II
- LG *Lumen Gentium*, Constituição Dogmática sobre a Igreja, Concílio Vaticano II
- RM *Redemptoris Mater*, Carta Encíclica sobre a bem-aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho, João Paulo II





## DESAFIO E COMPROMISSO

Ao ser designado bispo, coube-me escolher um lema que sintetizasse meu passado e antecipasse as características que eu desejava dar a meu apostolado episcopal. Encontrei na Primeira Carta de São João uma afirmação com a qual me identifiquei: “Deus é amor” (1Jo 4,16). Para esse apóstolo e evangelista, tal definição de Deus é, acima de tudo, um ponto de chegada; para mim, foi e é um compromisso e um desafio que se renovam diariamente.

Estou plenamente convencido de que quando a verdade sintetizada na expressão “*Deus é amor*” entra no coração de uma pessoa, tem início, imediatamente, um profundo processo de conversão. Essa pessoa poderá, a partir daí, viver momentos de realização ou de sofrimento; enfrentar incompreensões ou experimentar a alegria de conhecer novos amigos; tornar-se famosa ou ser desprezada – nada nem ninguém perturbará a paz e a alegria que passará a ter no coração, pois ele estará envolvido por uma certeza que o preencherá: “*Deus é amor*”.

O amor de Deus é um fogo que consome e aquece, ilumina e rejuvenesce. Por isso mesmo, quem se deixa queimar por ele sente necessidade de ir “entre todas as nações” (Mt 28,19) para proclamar: Deus é amor!



# 1. QUEM É VOCÊ?

Quem é o ser humano? Quem somos nós? Quem sou eu?

Essas perguntas são fundamentais. Conforme a resposta que lhes dermos, uma série de consequências nascerá em nossa vida. Há centenas de anos, homens e mulheres de todas as raças, idades e condições sociais tentam encontrar resposta à pergunta: Quem sou eu? Multiplicam-se definições a respeito e renovam-se explicações, mas elas não agradam a todos. De todos os seres que existem, nenhum é tão difícil de ser definido quanto uma pessoa.

Sentindo necessidade de assumir os destinos da própria vida, precisando fazer escolhas e pressionado a tomar decisões, você, mais do que ninguém, interroga-se: Quem sou eu? Desconfia de muitas das respostas que recebe, sente-se fascinado pelas propostas do mundo que o rodeia e gostaria de ter uma vida sem problemas. Esbarra, no entanto, em uma multidão de limites, a começar pelos que encontra em seu próprio coração. Sonha alto e percebe que seus braços são pequenos demais para alcançar as estrelas que o atraem. Sente-se poderoso e sofre com a concorrência na vida. Tudo você quer ter e comprar – e descobre que é muito alto o custo da satisfação de seus desejos na sociedade de consumo em que vive. Afinal, quem é você?

## Quem sou eu?

Você já deve ter ouvido falar de pessoas semelhantes a todas as outras que, em determinadas circunstâncias, revelaram-se maiores do que elas próprias julgavam ser: um anônimo

bombeiro, com coragem, arriscou a vida para salvar uma criança que dormia no interior da casa que se incendiava; um turista atirou-se ao mar para socorrer um banhista desconhecido que morria afogado; uma senhora, com dois filhos nos braços, enfrentou a correnteza de uma enchente inesperada... Talvez, depois disso, por falta de novos desafios que exigissem mais delas, a vida dessas pessoas tenha voltado a ser rotineira.

Você é melhor e mais capacitado do que pensa. Tem muitas energias escondidas, precisando apenas libertá-las e canalizá-las. E, se não o fizer, poderá reservar para seu túmulo a inscrição: “Aqui jaz um medíocre!”, ou, então: “A vida que poderia ter sido e não foi!”.

Pare um pouco para refletir. Volte seu olhar para dois mil anos atrás. Um grupo de pescadores enfrentava mais um dia de trabalho. Seu mundo era muito limitado: o mar da Galileia e as redes, os familiares e um pequeno grupo de amigos. Seu ideal: conseguir os peixes necessários para sobreviverem. Suas preocupações: Vai chover? Vai ventar? Em qual estação a lua está hoje?

De repente, passou pelo caminho dessas pessoas simples alguém que lhes fez um convite: “Segui-me, e eu farei de vós pescadores de homens” (Mt 4,19). Essa proposta mudou suas vidas: “Eles, imediatamente, deixaram as redes e o seguiram” (Mt 4,20). O resto de suas histórias e as marcas que esses pescadores deixaram no mundo, você já conhece.

Volte para o seu tempo. Faça agora um passeio pelas ruas de sua cidade. Entre em casas, em fábricas, em lojas e em bares. Não é preciso ir longe para constatar que as pessoas que você encontra nesses ambientes têm imensas necessidades. Faltam-lhes sobretudo educadores, que saibam agir como jardineiros capazes de cultivar as potencialidades de seus corações. Ou será natural que muitas dessas pessoas sejam vazias espiritualmente e ajam como se fossem máquinas?

Há muita gente destruindo os outros e destruindo-se. Fazer isso é fácil e pode até render muito dinheiro. Pense, por exemplo, nos que comercializam drogas: muitos deles enriquecem fácil e rapidamente, mas também destroem pessoas, espalham a desgraça no seio de muitas famílias e comunidades. Mas ajudar uma pessoa a reconstruir-se e dar-lhe a oportunidade de voltar a ter uma vida saudável exige muito esforço, é um trabalho difícil cujos resultados, nem sempre positivos, surgem muito lentamente. Trabalho lento, difícil e delicado.

Tudo colabora para que se multipliquem vidas vazias, limitadas à satisfação do aqui e agora. A sociedade de consumo tem essa dinâmica: é preciso trabalhar para consumir; consumir para ter os desejos satisfeitos; satisfeitos os desejos, é preciso trabalhar mais para dar resposta aos novos desejos, isto é, para adquirir novos produtos...

Então, o que fazer?

Há necessidade de se buscar outros caminhos, de descobrir o valor de pequenos gestos, de aprender que a vida é um serviço. Ninguém se realiza sozinho. O valor de uma vida pode ser medido pela capacidade de doação, de dom aos outros. Quais foram seus maiores momentos de felicidade? Não foram justamente aqueles em que você esteve a serviço de seus irmãos e irmãs?

Quem sou eu?, pergunta-se você. Você é um ser para os outros. Sozinho, não será capaz nem de conhecer a si mesmo.

### **Quem sou eu para os outros?**

Os outros o ajudam a conhecer-se, a descobrir as próprias qualidades, as suas limitações e os seus defeitos. Que seria de você, se tivesse vivido isolado em uma ilha?

Tudo em seu corpo fala da necessidade de relacionamentos: seus olhos servem para ver os outros; seus ouvidos, para escutá-los; suas mãos, para cumprimentá-los e ajudá-los a se levantar; sua palavra, para entrar em diálogo com eles...

Na comunhão com os outros, você encontra sua identidade e percebe as diferenças que existem entre as pessoas. Por que, apesar disso, há uma dificuldade tão grande de relacionamentos sérios e profundos, mesmo dentro de uma família? Pais e filhos muitas vezes não se entendem: os filhos reclamam da falta de carinho dos pais; os pais dizem que vivem e trabalham só para os filhos e recebem, em troca, a ingratidão. Até entre esposos é difícil uma profunda comunhão. Um psicólogo, após fazer pesquisa com dez mil casais, constatou que mais de 90% deles não tinham um nível profundo de intimidade.

Nas cidades, poucos são os relacionamentos mais profundos. Há pessoas que só conhecem as outras pelo que ouviram dizer. A fofoca se multiplica – ela, que é filha da superficialidade. À medida que não se realizam verdadeiros encontros, multiplicam-se boates, motéis, bares e locais de lazer que prometem “vender” a felicidade. As conversas tornam-se superficiais e o sexo é banalizado.

Para o outro, você é alguém que o ajuda a realizar-se. O outro é alguém que pode ajudá-lo na peregrinação em busca da própria realização. Mas o outro não o completa totalmente. Mesmo no meio de uma multidão você pode estar sozinho. Há momentos em que ninguém o atinge – nem o amigo mais fiel. Pense, por exemplo, na perda de um ente querido, em uma situação de doença ou circunstância em que viu a morte de perto... Há situações em que só o “outro” pode completá-lo.

## **Quem sou eu para Deus?**

Um homem que parece ser da nossa época, tal a atualidade do seu pensamento e de suas reflexões, ao final de uma vida marcada pela inquietação em busca da felicidade, constatou: “Criaste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.<sup>1</sup>

---

1 Santo Agostinho, século V.

Seu coração tem fome de Deus. Ou você o procura e o aceita, ou acabará fazendo como o povo guiado por Moisés ao longo do deserto, rumo à Terra Prometida: cansado do silêncio de Deus, fabricou um bezerro de ouro e o adorou. A propósito: quais foram os “bezerros de ouro” que você fabricou ultimamente e que dominam sua vida?

Antes de caminhar ao encontro de Deus, ele é que veio a seu encontro, por meio de seu Filho Jesus Cristo. Deus o amou primeiro.

Jesus lhe apresenta um convite: que você aceite participar de uma nova família – a família de seus filhos e suas filhas. Nela, o relacionamento deve ser marcado pela fraternidade e solidariedade, pela alegria e justiça. O amor (“Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” – Jo 15,13), a esperança e a fé serão o fundamento de sua vida. A certeza da eternidade o levará a trabalhar não por riquezas que podem ser perdidas, roubadas ou destruídas, mas por valores que duram para sempre. Isso, longe de fazê-lo viver desinteressado pelo que acontece a seu redor, o levará a ter os pés muito firmes no chão, já que seu julgamento girará em torno do que tiver feito a seus irmãos – isto é, o bem que lhes tiver feito, o mal que lhes tiver causado ou sua indiferença por eles. Não será possível você fugir de suas responsabilidades, como Caim (“Acaso sou o guarda do meu irmão?” – Gn 4,9).

Seu coração só ficará em paz quando repousar em Deus; quando ele for tudo para você. Aí você terá uma resposta adequada à pergunta: Quem sou eu? E poderá ouvir, dirigida a si próprio, a observação que Jesus fez à samaritana: “Se conheceses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber’, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva” (Jo 4,10). Como ela, você fará a experiência de Jesus Cristo, água viva, única capaz de matar plenamente sua sede e de se transformar em fonte que jorra até a vida eterna.





## 2. JESUS CRISTO, O DOM DE DEUS

O Bem-aventurado Papa Paulo VI, por ocasião da abertura da Segunda Sessão do Concílio Vaticano II (29/09/1963), fez uma belíssima proclamação a respeito de Jesus Cristo:

“Cristo! Cristo, nosso princípio. Cristo, nossa vida e nosso guia. Cristo, nossa esperança e nosso fim. (...) Nenhuma outra luz se veja sobre esta assembleia que não seja Cristo, luz do mundo; nenhuma outra verdade interesse a nossas almas, que não sejam as palavras do Senhor, nosso único Mestre; nenhuma outra aspiração nos guie, que não seja o desejo de lhe sermos absolutamente fiéis; nenhuma outra confiança nos sustente, senão a que, através da sua palavra, sustenta a nossa fraqueza desoladora: ‘Eu estarei sempre convosco, até à consumação dos séculos’ (Mt 28,20)”.

### **Anunciar Jesus Cristo**

Um dos maiores desafios de nossos tempos é o grande abismo que existe, muitas vezes, entre fé e vida. Uma fé que não se traduz em obras é falha. As injustiças que nos cercam e as desigualdades que persistem em nosso meio têm uma causa: a falta de coerência entre fé e vida. Não haverá coerência enquanto Jesus Cristo não for o nosso “Senhor”.

Quem se dispõe a anunciá-lo deve estar revestido da coragem dos apóstolos: “Os interrogadores ficaram admirados ao ver a coragem com que Pedro e João falavam, sendo

pessoas simples e sem instrução” (At 4,13). Quando um discípulo de Cristo tem tal disposição, quem conseguirá detê-lo ou amedrontá-lo?

Facilmente, em nossos trabalhos apostólicos, supomos que todos os nossos ouvintes já tenham feito a experiência de Jesus Cristo. A verdade, contudo, é que não podemos mais continuar nessa suposição, pois muitos batizados não deram sua adesão pessoal a Jesus Cristo, morto e ressuscitado.

Os Atos dos Apóstolos nos conservam preciosos discursos de Pedro e de Paulo que, basicamente, afirmam: Jesus Cristo, o enviado do Pai, morreu e ressuscitou, voltou ao Pai e derramou sobre nós o Espírito Santo.<sup>2</sup>

## Conhecer Jesus Cristo

Diante das afirmações feitas até aqui, poderia nascer em seu coração uma oportuna interrogação: Mas, afinal, quem é Jesus Cristo?

Essa pergunta não é nova. Ao longo dos últimos vinte séculos, a humanidade tem tentado respondê-la. Fique claro: são muitas as respostas. Muitas, às vezes diferentes e até contrárias – e, naturalmente, nem todas são verdadeiras. Responder à pergunta: Quem é Jesus Cristo? é posicionar-se; é definir-se; é fazer uma escolha que terá imensas e profundas repercussões na própria vida.

---

<sup>2</sup> *Discursos de Pedro:*

em Pentecostes: At 2,14-39;

no Pórtico de Salomão: At 3,11-26;

no Sinédrio: At 4,1-22;

novamente no Sinédrio: At 5,17-32;

em Cesareia: At 10,24-43.

*Discursos de Paulo:*

em Antioquia da Pisídia: At 13,13-41;

em Atenas: At 17,16-31;

em Éfeso: At 20,17-35;

aos Judeus: At 22,1-21;

ao rei Agripa: At 26,1-23.

Nossa resposta não pode nascer de uma interpretação livre da Bíblia. O apóstolo Pedro é muito claro a esse respeito: “Pois deveis saber, antes de tudo, que nenhuma profecia da Escritura é objeto de explicação pessoal” (2Pd 1,20). A Palavra de Deus deve ser lida com a fé da Igreja, que recebeu a garantia da presença do Espírito Santo para se manter na verdade.

**O nome.** Começemos pelo nome de nosso Mestre e Senhor. O nome “Jesus” significa “Deus salva”. O menino nascido da Virgem Maria é chamado de Jesus porque “ele vai salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1,21). Dessa convicção estavam imbuídos os apóstolos após a vinda do Espírito Santo; tanto assim, que Jesus Cristo Salvador era o centro de todas as suas pregações: “Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome dado à humanidade pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12).

Cristo significa “o ungido”, “o Messias”. Jesus é o Cristo, porque Deus o ungiu com o Espírito Santo e com o poder: “como Jesus de Nazaré foi ungido por Deus com o Espírito Santo e com o poder. Por toda a parte, ele andou fazendo o bem e curando a todos os que estavam dominados pelo diabo; pois Deus estava com ele” (At 10,38).

Jesus Cristo é aquele que deveria vir: “João, então, chamou dois deles e os enviou ao Senhor, para perguntar: ‘És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?’. (...) Respondeu, pois: ‘Ide contar a João o que vistes e ouvistes: cegos recuperaram a vista, paralíticos andam, leprosos são purificados e surdos ouvem, mortos ressuscitam e a pobres se anuncia a Boa-Nova’” (Lc 7,18-19.22).

Jesus se apresentou como Filho de Deus, deixando clara a relação única e eterna com Deus, seu Pai: ele é o Filho único do Pai, é Deus mesmo: “Ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu

a conhecer” (Jo 1,18). Assim, não há a menor possibilidade de alguém ser cristão sem que acredite que Jesus Cristo é o Filho de Deus, o grande presente do Pai, o único Salvador.

É triste constatar que muitos ainda não tomaram consciência dessas verdades. Saiba você: não basta aceitar Jesus como Mestre, como aquele que ensina belas palavras, como é o caso de uma série de doutrinas e ensinamentos que se espalham pelo mundo. Para esses, Jesus é um profeta, talvez até um grande profeta; é um sábio, e pouco mais do que isso. A fé nos diz que ele é muito mais, e é o que proclamamos ao recitar o Credo: “Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor...”.

**Nosso Senhor:** confessar ou invocar Jesus como Senhor é crer em sua divindade: “Verdadeiramente, tu és o Filho de Deus” (Mt 14,33); “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16).

**Verdadeiro Deus e verdadeiro homem.** A fé nos assegura: no tempo estabelecido por Deus, o Filho único do Pai, a Palavra eterna, se encarnou; sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana. “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,14), proclama o evangelista João, em uma das páginas mais belas da Sagrada Escritura.

Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Ele é verdadeiramente o Filho de Deus que se fez homem, nosso irmão, sem deixar de ser Deus, nosso Senhor. Ele possui duas naturezas, a divina e a humana, não confundidas, mas unidas na única Pessoa do Filho de Deus. Assim, em tudo o que fazia, Jesus exprimia humanamente o jeito divino da Santíssima Trindade: “Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano”.<sup>3</sup>

---

3 GS, n. 22.

Referindo-se a Jesus, o Pai nos lembra: “Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-o!” (Lc 9,35). Os discípulos de Cristo, além de escutá-lo, são chamados a conformar-se a ele, até que Cristo seja formado neles: “Meus filhos, por vós sinto, de novo, as dores do parto, até Cristo ser formado em vós” (Gl 4,19). O ideal máximo do seguidor de Jesus está sintetizado no testemunho do apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

**Morreu e ressuscitou.** Cremos que Jesus Cristo morreu por nossos pecados: “De fato, eu vos transmiti, antes de tudo, o que eu mesmo tinha recebido, a saber: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3). Ressuscitado, ele é a garantia de nossa própria ressurreição: “Pois, se fomos, de certo modo, identificados a ele por uma morte semelhante à sua, seremos semelhantes a ele também pela ressurreição” (Rm 6,5).

Ao anunciar essa verdade fundamental de nossa fé, o entusiasmo de Pedro era contagiante: “De fato, Deus ressuscitou este mesmo Jesus, e disso todos nós somos testemunhas. E agora, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu o Espírito Santo que fora prometido pelo Pai e o derramou, como estais vendo e ouvindo” (At 2,32-33).

No dia do julgamento, Jesus Cristo virá na glória, para que se realize o triunfo definitivo do bem sobre o mal. Mais: ele revelará os segredos mais secretos dos corações e recompensará cada pessoa segundo suas obras e de acordo com a acolhida ou a rejeição que tiver dado à graça recebida.

## **Aceitar Jesus Cristo**

Que consequências práticas nascem na vida de quem aceita Jesus Cristo como salvador?

**A confiança.** “Sou eu. Não tenhais medo!” (Jo 6,20). É interessante observar com quanta insistência Jesus Cristo repete essa advertência. Melhor do que ninguém, ele sabe que o medo é um verme que corrói as energias por dentro e paralisa a pessoa. Sabe que nunca poderá expandir-se uma Igreja que cultiva o medo.

Para a fé, o oposto do medo é a confiança: “Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt 11,28-30).

Confiar é jogar-se no coração misericordioso de Jesus; é deixar que ele cuide de você enquanto você se preocupa em levar os valores do Evangelho para sua vida. Confiar será, muitas vezes, repetir com o apóstolo Pedro: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos firmemente e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (Jo 6,68-69).

**A certeza.** Somente Jesus salva. Aceitar Jesus Cristo como Salvador significa afastar toda e qualquer ideia a respeito de reencarnação.

Como é triste verificar que não poucos chegam a acreditar nessa ideia! Crer na reencarnação é declarar, se não teoricamente, ao menos na prática, que a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo foram inúteis; que ele não nos salvou de coisa alguma; tanto, que é necessário reencarnar-se para se conseguir a salvação. A salvação, nesse caso, seria fruto do esforço pessoal de cada um, e não uma graça conquistada por Jesus Cristo, o Salvador.

É importante ouvir novamente a corajosa afirmação que Pedro fez em Jerusalém, diante dos chefes do povo, dos anciãos e escribas, de Anás e Caifás: “Em nenhum outro há salvação, pois não existe debaixo do céu outro nome dado à humanidade pelo qual devemos ser salvos” (At 4,12).

**O apelo:** evangelizar. Cristo Redentor deixou à Igreja uma responsabilidade: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações” (Mt 28,19). Após dois mil anos, tal missão está ainda bem longe de seu pleno cumprimento; melhor, está ainda no começo.

A situação religiosa no mundo, do ponto de vista cristão, é dramática: tem aumentado o número daqueles que ignoram Cristo. O que e como fazer para que também esses irmãos descubram que o Pai enviou o seu Filho também para eles?

A Igreja tem uma convicção iluminada pela fé: Cristo é o único Salvador de todos; é o único capaz de nos revelar e de nos conduzir a Deus. Nele o Pai revelou-se de forma definitiva e deu-se a conhecer de modo pleno. Em Jesus, o Pai disse à humanidade quem é.

A Igreja existe para revelar ao mundo essa verdade. Está convicta de que os homens só poderão entrar em comunhão com Deus através de Cristo e sob a ação do Espírito Santo.

Como, pois, ficar indiferente diante de tantas pessoas – verdadeiras multidões! – que nunca tiveram a possibilidade de conhecer o Mestre e Salvador? Como não se sensibilizar diante de outra multidão – a formada por nossos irmãos batizados que não vivem seu Batismo e, portanto, para quem Jesus Cristo, na prática, não representa mais nada?

Assim, é nosso dever levar aos homens a novidade trazida por Cristo; é necessário um intenso trabalho evangelizador.

É uma honra e uma responsabilidade participar dessa tarefa. Uma honra, pois se trata da missão que continua a de Jesus. Uma responsabilidade, pois recebemos um dom que deve ser repartido com os outros.

**O protagonismo dos leigos.** A Igreja espera muito dos leigos; tanto que os convoca para uma nova evangelização – evangelização que nasce de uma adesão pessoal a Jesus Cristo e à Igreja, e os leva àqueles que vivem o Cristianismo sem entusiasmo.

A evangelização deve levar em conta os imensos desafios de nosso tempo como, por exemplo, a rápida urbanização de nosso país, a pobreza, a marginalização, o consumismo, a cultura da morte, a invasão de seitas, os novos areópagos (universidades, centros de comunicação, o mundo da política etc.).

**A nova evangelização.** Uma evangelização que pretenda atingir o coração do homem e da mulher de nosso tempo deverá ser:

Nova em seu ardor. Jesus Cristo quer que você tenha o ardor apostólico que ele próprio tinha. Para isso lhe envia o Espírito Santo. O ardor apostólico nasce de uma radical conformação a Jesus Cristo, o primeiro evangelizador. Assim, o melhor evangelizador é o santo, o homem das bem-aventuranças. Uma nova evangelização em seu ardor supõe uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma forte fidelidade que, sob a ação do Espírito Santo, faz nascer uma mística, um entusiasmo incontido na pessoa que anuncia o Evangelho.

Nova em seus métodos. Novas situações exigem novos caminhos para a evangelização. Não podem faltar nesse trabalho o testemunho e o encontro pessoal, a presença do cristão em tudo o que é humano, assim como a confiança no anúncio salvador de Jesus e na atividade do Espírito Santo.

É necessário sermos criativos, cheios de imaginação, para que o Evangelho chegue a todos. Cabe-nos utilizar os modernos meios de comunicação, para conseguirmos entrar em lares e corações que, de outro modo, não terão condições de ouvir a proposta de Jesus Cristo.

Nova em sua expressão. Isto é, em uma linguagem que torne o Evangelho de Jesus sempre mais próximo de nossa realidade. É um grande desafio conseguir falar a linguagem dos que nos ouvem.



### 3. DEUS É AMOR

Em um mundo e uma época em que cresce o número de ateus, quer por declaração explícita, quer como prática de vida (isto é: vivem como se Deus não existisse), é oportuno nos perguntarmos: a atual geração de jovens e adultos tem tido condições de fazer uma opção em relação a Deus, isto é, de descobrir seu rosto e de se definir a favor ou contra ele?

Ninguém ama o que não conhece. Aqui está o centro do problema. Para conhecer melhor o rosto daquele que se revelou a Moisés, a Davi e aos profetas e, ultimamente, por meio de seu Filho, aos apóstolos, convido-o a se debruçar sobre uma experiência concreta de Deus: a do apóstolo e evangelista São João.

“Deus é amor!”, São João proclamou solenemente em sua Primeira Carta. E, para que não ficassem dúvidas quanto ao que queria dizer, repetiu duas vezes: “Quem não ama, não chegou a conhecer a Deus, pois Deus é amor” (1Jo 4,8); “E nós, que cremos, reconhecemos o amor que Deus tem para conosco. Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele” (1Jo 4,16).

Esse é o ponto mais alto da Revelação. Até São João chegar a ele, percorreu uma longa caminhada.

Empregamos com muita facilidade a palavra “amor”, embora o risco seja evidente. Para um egoísta, ela significa a realização de seus interesses ou a resposta a seus instintos, mesmo que à custa do sofrimento de muitos. Para uma mãe, expressa doação, alegria e satisfação pelo dever cumprido em favor do filho.

Também o homem bíblico percebeu e conheceu os diferentes tipos de amor. E em seu coração foram nascendo algumas perguntas que podem ser assim resumidas: Deus, tão grande e tão puro, pode abaixar-se a ponto de amar o homem pequeno e pecador? Se Deus aceita amar o homem, como poderia o homem responder a seu amor? Qual a relação entre o amor de Deus e o amor dos homens?

Ao longo da história da humanidade, perguntas semelhantes foram feitas pelos mais diversos povos. As respostas variaram muito. Lembro as que representam os dois extremos: para uns, o amor de Deus é totalmente inacessível, dada a sua grandeza, sua santidade, seu poder etc.; para outros, Deus está tão próximo dos homens que passa a ter até seus defeitos. Não foi isso o que aconteceu com o povo romano, para quem os deuses viviam brigando entre si, dominados que estavam pelo ciúme, pela inveja e pela ganância?

## **O amor no Antigo Testamento**

Antes de você debruçar-se sobre os textos de São João, é importante percorrer, mesmo que rapidamente, o caminho percorrido no Antigo Testamento por nossos irmãos judeus. Recordo-lhe alguns momentos de sua história:

**A Criação.** Os relatos, nos primeiros capítulos do livro do Gênesis, não trazem a palavra amor. Percebe-se, porém, que Adão e Eva estavam envolvidos pela bondade de Deus, que queria lhes dar alegria, paz e liberdade.

Com o pecado, a bondade de Deus se manifestou a eles sob a forma de misericórdia. Deus lhes acenou com a salvação: “E o Senhor Deus disse à serpente: (...) Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,14a-15).

Para formar um povo do qual haveria de nascer seu enviado, Deus escolheu amigos e confidentes, por exemplo:

**Abraão.** Deus o chamou dentre os pagãos (Js 24,2s.) para se tornar seu amigo (Is 41,8) e lhe confiou seus segredos (Gn 18,17). Abraão respondeu às exigências do amor divino: a seu chamado, foi capaz de deixar a própria pátria (Gn 12,1) e – supremo gesto de confiança! – dispôs-se a sacrificar seu único filho (Gn 22). Sua fidelidade total ao Senhor foi largamente recompensada: “Tornarei tua descendência tão numerosa como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar” (Gn 22,17).

**Moisés.** Sua missão foi exercida em constante tensão: de um lado, fazia a experiência da santidade de Deus; de outro, era envolvido pelo pecado do povo. Moisés cresceu na intimidade com Deus, que se entretinha com ele em grande familiaridade (Ex 33,11).

**Os Profetas.** Eles se tornaram confidentes de Deus, sentindo-se pessoalmente amados por ele (Am 3,7; 7,15). Oséias, Jeremias e Ezequiel testemunharam o carinho e a paixão de Deus por seu povo, recebendo, em troca, ingratidão e traição. Como o amor é mais forte do que o pecado (Os 11,8), Deus se mostrou sempre pronto a perdoar o pecado de seu povo, dispondo-se mesmo a dar-lhe um novo coração (Ez 16,60-63; Jr 31,3-20; Os 2,21s).

**Deuteronômio.** Esse livro chama a atenção do povo escolhido para a gratuidade do amor de Deus (Dt 7,7). Em resposta, ele deve amá-lo de todo o coração (Dt 6,5), em atos e obediência (Dt 11,13; 19,9), em uma opção radical (Dt 4,15-31). Para isso, não lhe faltará a ajuda divina (Dt 30,6).

**Amor eterno e pessoal.** Além de eterno (“Eu te amo com amor de eternidade; por isso, guardo por ti tanta ternura!” – Jr 31,3), o amor de Deus é pessoal: ele “ama a justiça, não abandona seus devotos” (Sl 37/36,28a); “o Senhor levanta quem

caiu, o Senhor ama os justos, o Senhor protege os estrangeiros, ampara o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos ímpios” (Sl 146/145,8-9). Ele tem uma atenção especial pelo pobre e pequeno: “Quem é igual ao Senhor nosso Deus que mora no alto e se inclina para olhar para os céus e para a terra? Ergue da poeira o indigente, da imundície levanta o pobre, para fazê-lo sentar-se entre os príncipes, entre os príncipes do seu povo. Faz a estéril morar na sua casa como alegre mãe de filhos” (Sl 113/112,5-9).

### **O amor no Novo Testamento**

Para expressar o seu amor, Deus enviou seu Filho ao mundo e nos fala através dele: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. (...) E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós” (Jo 1,1.14a). Jesus é a expressão concreta do amor do Pai por nós; é a prova mais bela de seu amor. Nada pode ultrapassar esse gesto.

Deus nos deu seu Filho para que tivéssemos a vida eterna. Quem nele não crer, e amar mais as trevas, se condenará (Jo 3,18). Por sua vez, para Jesus, amar era, antes de tudo, fazer a vontade do Pai: “O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra” (Jo 4,34); “Desci do céu não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6,38). Jesus doou-se a todos (Mc 10,45). Passou a vida fazendo o bem (At 10,38; Mt 11,28ss), no desapego total (Lc 9,58); deu atenção a cada pessoa com quem se encontrou, privilegiando, porém, as mais desprezadas e necessitadas (Lc 7,36-50; 19,1ss); escolheu e chamou aqueles que quis (Mc 3,13), para fazê-los seus amigos (Jo 15,15ss).

O amor de Jesus pede reciprocidade (Mt 22,37); amando-o, ama-se ao Pai (Mt 10,40) e entra-se no mistério do Deus-Trindade – o dom recíproco e eterno do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

## O amor em São João

A convivência dos apóstolos com Jesus deu-lhes a possibilidade de conhecer não apenas suas palavras e milagres, sua maneira de atender as pessoas e seu modo de rezar, mas possibilitou-lhes conhecer o seu coração, a sua intimidade e os seus segredos mais íntimos. É justamente essa experiência pessoal de Deus, em Jesus Cristo, que São João procura transmitir-nos em seus escritos.

Esse apóstolo teve uma grande amizade com Jesus, a ponto de se referir a si mesmo com a expressão “aquele que Jesus mais amava” (Jo 13,23). Esteve presente no monte Tabor e viu Jesus transfigurado (Mt 17,1ss); na véspera da Paixão, vamos encontrá-lo no Horto das Oliveiras, embora tenha dormido, como os outros apóstolos (Mt 26,36ss.); no Calvário, foi o único apóstolo presente (Jo 19,26). Na alegre manhã da Ressurreição, teve a graça de ser um dos primeiros a ver o sepulcro vazio (Jo 20,2). Foi, por isso mesmo, uma testemunha privilegiada de Cristo Ressuscitado.

Calcula-se que São João tenha morrido pelo ano 98; assim, após a vinda do Espírito Santo, viveu cerca de sessenta anos. Seu Evangelho, suas três Cartas e o Apocalipse foram escritos no final do século I e procuram ressaltar que quem escreve é uma testemunha, isto é, alguém que viu e ouviu o que descreve: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que as nossas mãos apalparam da Palavra da vida – (...) – isso que vimos e ouvimos, nós vos anunciamos, para que estejais em comunhão conosco” (1Jo 1,1.3). “E nós vimos, e damos testemunho: o Pai enviou seu Filho como Salvador do mundo” (1Jo 4,14).

Assim, quando o evangelista João nos apresenta Deus, o faz a partir de sua experiência pessoal de Jesus Cristo. Estava

convicto de que “ninguém jamais viu a Deus; o Filho único, que é Deus e está na intimidade do Pai, foi quem o deu a conhecer” (Jo 1,18).

Foi, pois, após três anos de convivência direta com Jesus; após a vinda do Espírito Santo, o início e a expansão da Igreja; foi depois de muitos anos de pregação que João proclamou, como que em um grito que deveria chegar a todos os recantos da terra e a todos os corações: “Deus é amor!”.

### **O amor supera limites**

Deus é amor! Quando essa verdade entrar em sua vida, como entrou na de São João, tudo mudará, porque você descobrirá que Deus está presente em toda parte e em tudo o que é importante para você. Ele participa de suas alegrias e tristezas, das situações dolorosas e decepcionantes, dos momentos de solidão e de festa. Crer que Deus é amor significa descobrir que ele o ama como você é hoje, agora.

Dessas afirmações podem nascer duas questões: 1<sup>a</sup>) Será possível que também nos momentos de dor Deus se manifeste como amor? Poderia responder a isso apresentando uma tese teológica. Prefiro, contudo, lembrar o testemunho de Paulo: “Ora, trazemos esse tesouro em vasos de barro, para que todos reconheçam que este poder extraordinário vem de Deus e não de nós. Somos afligidos de todos os lados, mas não vencidos pela angústia; postos em apuros, mas não desesperançados; perseguidos, mas não desamparados; derrubados, mas não aniquilados; por toda a parte e sempre levamos em nosso corpo o morrer de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa existência mortal” (2Cor 4,7-10). 2<sup>a</sup>) Poderá Deus amar o pecador? Do ponto de vista humano, não é possível imaginar que o infinitamente santo e perfeito ame a criatura limitada e ingrata. A verdade é que Deus não nos ama apesar

do pecado; justamente por causa do pecado é que manifestou o seu amor e desceu até nós: “Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores” (Rm 5,8). Estávamos mortos e ele nos deu a vida (Ef 2,4-5). Mais: Jesus nos assegura que o Pai faz festa quando o filho pródigo volta para seus braços (Lc 15,32). O nome de Deus é, justamente, “Pai das misericórdias” (2Cor 1,3).

Para o apóstolo Paulo, o que dava sentido a seus trabalhos, lutas e dificuldades era a certeza de que, no final, Deus o ressuscitaria, como ressuscitou seu Filho Jesus. O resto é resto, porque passa (1Cor 7,31). É necessário ter consciência de que por trás de tudo o que acontece se encontra Deus. Trata-se, pois, de descobrir sua presença (Rm 8,28). O próprio Jesus já havia deixado claro que nada ocorre sem que o Pai queira ou permita: “Quanto a vós, até os cabelos da cabeça estão todos contados” (Mt 10,30).

### **A graça e a responsabilidade de saber-se amado**

“Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, nem guardam em celeiros. No entanto, o vosso Pai celeste os alimenta. (...) Olhai como crescem os lírios do campo” (Mt 6,26.28). Um Pai que cuida com um carinho imenso de aves e de lírios, o que não fará por nós, seus filhos?

É uma graça especial saber-se infinitamente amado por Deus. Ele nos ama, porque é amor. Já que Deus é amor, como não confiar nele? Como não abandonar-se em suas mãos? “Lançai sobre ele toda a vossa preocupação, pois ele é quem cuida de vós” (1Pd 5,7).

Você é filho do *Pai nosso que está nos céus* e que o ama imensamente; é convidado a amá-lo, porque ele o amou primeiro. Essa verdade é uma luz e uma força que lhe darão condições de amá-lo sobre todas as coisas.

Faz parte de sua missão ajudar os outros a descobrir essa verdade. Todos têm direito de viver em função dela. Deus é amor! Você tem um Pai que jamais se esquece de você; ao contrário, acompanha continuamente seus passos, com amor. Convido de que deveria fazer desse anúncio a razão de sua vida, o apóstolo Paulo exclamou: “Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16). Isto é: ai de mim se não transmitir aos que estão longe de Deus a Boa-Nova que ouvi e que deu novo sentido à minha vida; ai de mim se não levar aos que não a conhecem, aos que sofrem, aos que vivem tristes e angustiados, aos que não têm razões para viver ou lutar, a certeza que enche meu coração de um fogo que queima sem cessar: “Mas essas coisas, que eram ganhos para mim, considere-as prejuízo por causa de Cristo. Mais que isso, julgo que tudo é prejuízo diante deste bem supremo que é o conhecimento do Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele, perdi tudo e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado unido a ele” (Fl 3,7-9a).



## 4. OS PRESENTES DE DEUS-AMOR

Deus é amor! O amor é a essência de Deus. É próprio do amor expressar-se, manifestar-se, expandir-se. E como é que o amor de Deus se manifesta? Como é que, em sua vida, o amor de Deus se expressa?

Aqui as palavras humanas são pobres, muito pobres. Qualquer explicação que se queira apresentar será sempre imperfeita, incompleta e não exprimirá toda a verdade. Por isso, mais do que buscar explicações, cabe-nos contemplar as expressões concretas do amor de Deus.

Já vimos que a vinda de Jesus Cristo ao mundo é a mais importante expressão do amor de Deus por nós: “De fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único” (Jo 3,16). Tendo tomado consciência desse dom, o apóstolo Paulo tirou uma conclusão lógica: “Deus, que não poupou seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós, como é que, com ele, não nos daria tudo?” (Rm 8,32).

Quais serão *todas essas coisas* que o Pai nos dá em seu Filho?

### **Porque é amor, Deus nos dá sua Palavra**

A maioria de nós, desde a infância, começou a ouvir e, mais tarde, também a ler passagens da Bíblia, a Palavra de Deus. Parece-nos, pois, normal que Deus fale a seus filhos e suas filhas. Mas será tão normal assim que Deus nos fale? Ele tem obrigação de nos falar? Não! Ele nos fala, porque quer se comunicar conosco; fala conosco, porque é amor e quer que participemos de seu amor, de sua experiência de comunidade.

É uma graça você poder conhecer o pensamento de Deus e sua maneira de agir, na história e no coração das pessoas: “Quanto a ti, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como verdade. E sabes de quem o aprendeste! Desde criança conheces as Escrituras Sagradas. Elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé no Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra” (2Tm 3,14-17).

A Palavra de Deus, por ser “de Deus”, não pode ser interpretada segundo a própria vontade. O apóstolo Pedro constatou, surpreso, que “*espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos*” deturpavam, “*para a sua própria ruína*”, as cartas de Paulo, “é o que fazem também com as demais Escrituras” (2Pd 3,16).

Dadas as nossas limitações e o risco de errar, Jesus nos garantiu sua presença (“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” – Mt 28,20) e nos prometeu o Espírito Santo (“Espírito da Verdade” – Jo 14,17), que nos ensinará todas as coisas e nos recordará tudo o que ele próprio nos ensinou (Jo 14,26).

### **Porque é amor, Deus nos dá a Igreja**

O Concílio Vaticano II (1962-1965) afirmou solenemente: “O único mediador, Cristo constituiu e incessantemente sustenta aqui na terra sua santa Igreja, comunidade de fé, esperança e caridade, como organismo visível pelo qual difunde a verdade e a graça a todos. (...) Esta é a única Igreja de Cristo que no Símbolo confessamos una, santa, católica e apostólica; que nosso Salvador depois de sua ressurreição entregou a Pedro para apascentar (Jo 21,17) e confiou a ele e aos demais apóstolos para a propagar e reger (cf. Mt 28,18ss)”.<sup>4</sup>

Não tenhamos ilusões, contudo; “(...) enquanto Cristo, ‘*santo, inocente, imaculado*’ (Hb 7,26), não conheceu o pecado (2Cor 5,21), mas veio para expiar os pecados do povo

---

4 LG, n. 8.

(Hb 2,17), a Igreja, reunindo em seu próprio seio os pecadores, ao mesmo tempo santa e sempre na necessidade de purificar-se, busca sem cessar a penitência e a renovação”.<sup>5</sup>

Quicá Deus lhe permitisse ver a Igreja como Santa Teresinha de Lisieux a viu. Ela nos deixou um texto que sintetiza seu pensamento a respeito:

“Compreendi que, se a Igreja tinha corpo, composto de vários membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos. Compreendi que a Igreja tinha um coração, e que este coração ardia DE AMOR. Compreendi que só o amor fazia os membros da Igreja atuarem, e que se o amor se extinguisse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho e os mártires se recusariam a derramar seu sangue... Compreendi que o AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA, É ETERNO...”<sup>6</sup>

Sim, Deus é amor porque deu a você a graça de viver em uma comunidade que ele mesmo convocou e que tem a garantia da presença de seu Filho (Mt 28,20).

## **Porque é amor, Deus nos dá a Eucaristia**

Eu poderia lembrar-lhe aqui cada um dos sacramentos, presentes especiais de Deus-Amor, graças que lhe dá por seu Filho. Destaco aquele sacramento que é o ponto alto da vida cristã: a Eucaristia. Toda a ação da Igreja, nos outros sacramentos, e todas as atividades e trabalhos apostólicos têm em vista a Eucaristia. Esse sacramento contém todo o tesouro espiritual da Igreja.

Compreendem-se, então, as palavras de Cristo na Quinta-Feira Santa. Em nenhuma outra oportunidade ele havia manifestado tão claramente os sentimentos de seu coração: “Ardentemente desejei comer convosco esta ceia pascal, antes

---

5 Idem.

6 Manuscritos Autobiográficos, B, 3v. In ClgC, n. 826.

de padecer” (Lc 22,15). Os gestos e as palavras de Jesus naquela noite só seriam compreendidos pelos apóstolos mais tarde, depois da vinda do Espírito Santo. Mas aí sim sua ordem – “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19) – tornou-se para eles e para os primeiros cristãos uma agradável obrigação, a ponto de se tornarem “perseverantes (...) na fração do pão” (At 2,42).

A Eucaristia nos leva a uma íntima união com Jesus Cristo: “Quem se alimenta com a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele” (Jo 6,56); afasta-nos do pecado: a consciência de que seu sangue foi derramado por causa dos pecados da humanidade nos obriga a lutar contra tudo o que, em nossa vida, possa ofender a Deus; nos une a todos, porque cada pessoa é filho(a) do mesmo Pai do céu, e convidado a comer do mesmo pão partido e repartido para a vida do mundo; leva-nos ao encontro dos pobres e dos mais necessitados, com os quais Jesus se identifica.

### **Porque é amor, Deus nos dá Maria Santíssima**

O último presente que o Filho de Deus nos deu na Cruz foi sua Mãe (Jo 19,27). Pouco antes havia oferecido à sua Mãe o último presente (Jo 19,26). Naquele momento, ele nos conduzia aos braços de Maria. João a levou para casa. E você, o que tem feito – isto é, que espaço tem dado a Maria Santíssima em sua vida?

Melhor do que ninguém, Jesus conhecia o coração de sua Mãe. Conhecia sua fidelidade, dedicação e humildade. Era a única mulher que podia, com toda a propriedade, chamá-lo de “Meu Filho!”. Até aquele momento, ele era o único que podia chamá-la de “Minha Mãe!”.

Jesus já nos havia entregue seus segredos mais íntimos; havia-nos dado seu Corpo e Sangue; havia-nos prometido o Espírito Santo. Quis mais: quis que tivéssemos como mãe a sua Mãe. Maria Santíssima teria a missão de acompanhar cada um de nós como o havia acompanhado. Com quanto carinho ela passou a exercer essa missão, lembrada de que nos recebeu

como filhos em um momento muito doloroso para ela, e infinitamente difícil para o seu Filho Jesus.

Não seria exagero confiar em Maria? Respondo com outra pergunta: quem foi o primeiro a confiar nela? Foi Deus, o Pai eterno: ele tanto confiou na Virgem de Nazaré que lhe entregou seu próprio Filho no mistério da encarnação.<sup>7</sup> Depois que o Pai eterno confiou em Maria, nesse grau e nessa profundidade, ninguém cometerá “exageros” se imitar seu gesto de confiança...

### **Porque é amor, Deus nos dá Pedro e seus sucessores**

“Apascenta as minhas ovelhas!”, disse Jesus a Pedro, por três vezes (Jo 21,15ss.). Jesus sabia como ficaria o rebanho após sua partida. Sabia o quanto seus apóstolos teriam necessidade de “um irmão mais velho” que os acompanhasse e mantivesse a unidade do grupo.

Pedro, no início da Igreja, e seus sucessores, os Papas, ao longo da história, desempenham a missão que Jesus exerceu quando estava aqui na terra. São as pedras sobre as quais ele continua edificando sua Igreja (Mt 16,18). Ao Pedro de hoje, Cristo repete a advertência: “E tu (...) confirma os teus irmãos” (Lc 22,32).

Sou grato ao meu Senhor e Mestre pelas pedras que colocou e coloca na base da Igreja. Sinais de unidade, os Papas têm sido verdadeiros profetas: falam o que sentem ser de seu dever falar, quer agradeam ou não. São os primeiros responsáveis pelo grande patrimônio da Igreja, que se encontra à disposição de todos: a Palavra de Deus, a Tradição (que é a Palavra de Deus, confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos apóstolos, e transmitida integralmente a seus sucessores), os sacramentos, os ensinamentos dos Padres da Igreja, o testemunho de inúmeros santos etc.

---

7 RM, n. 39.

## **Porque é amor, Deus continua errando seus dons**

É precioso o discurso que o apóstolo Pedro fez, por ocasião de Pentecostes. Quando quis expressar o que significou para a humanidade a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, usou uma expressão que retrata a distribuição sem limites de dons: “De fato, Deus ressuscitou este mesmo Jesus, e disse todos nós somos testemunhas. E agora, exaltado pela direita de Deus, ele recebeu o Espírito Santo que fora prometido pelo Pai e o derramou, como estais vendo e ouvindo” (At 2,32-33).

Jesus glorificado derramou o Espírito Santo. Ora, os gestos de Deus perduram para sempre. Ele continua derramando o Espírito Santo sobre o mundo.

Não devemos, pois, ter medo dos problemas de nosso tempo, como se eles fossem uma ameaça insuperável. Para a Igreja, representam um desafio que deve ser enfrentado e um apelo a seus filhos para serem mais coerentes. O Espírito Santo age, converte e modifica pessoas, comunidades e nações. Cabe-nos abrir-lhe espaço e pedir sua presença e ação.

Também a vida dos primeiros discípulos missionários de Jesus não foi fácil. Em suas viagens apostólicas, eles não foram recebidos com tapetes e faixas, nem com foguetes e discursos; foram, sim, incompreendidos e caluniados, aprisionados e perseguidos, ridicularizados e martirizados. Curiosa reação: sentiam-se sumamente honrados de poder enfrentar tudo isso por causa do Senhor Jesus. E, quando anteviam o martírio, encontravam ânimo para confortar os que ficavam – como o fez Paulo aos anciãos de Éfeso: “E agora, prisioneiro do Espírito, vou para Jerusalém, sem saber o que aí me acontecerá. Sei apenas que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me adverte, dizendo que me aguardam cadeias e tribulações. Mas de modo nenhum considero a minha vida preciosa para mim mesmo, contanto que eu leve a bom termo a minha carreira e realize o ministério que recebi do Senhor Jesus: testemunhar a Boa-Nova da graça de Deus” (At 20,22-24).

## 5. LOUVAR O AMOR

Deus é amor! Por que Ele é amor, somos convidados a louvá-lo de forma digna. Mas, como fazê-lo? Nossas palavras são pobres e imperfeitas. Assumamos, então, o louvor que, Maria Santíssima, inspirada pelo Espírito Santo, elevou aos céus quando viveu – com uma profundidade única – a sua experiência de Deus-Amor:

A minha alma engrandece o Senhor  
e se alegra o meu espírito em Deus, meu Salvador,  
pois ele viu a pequenez de sua serva;  
desde agora as gerações hão de chamar-me de bendita.  
O Poderoso fez em mim maravilhas  
e Santo é o seu nome!  
Seu amor, de geração em geração,  
chega a todos que o respeitam.  
Demonstrou o poder de seu braço,  
dispersou os orgulhosos.  
Derrubou os poderosos de seus tronos  
e os humildes exaltou.  
De bens saciou os famintos  
e despediu, sem nada, os ricos.  
Acolheu Israel, seu servidor,  
fiel ao seu amor,  
como havia prometido aos nossos pais,  
em favor de Abraão e de seus filhos para sempre.

(Lc 1,46-55)

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém!

